

22 DE AGOSTO

14:10

O *Trident* sulcava as águas profundas com a sua proa de casco simples. Parecia uma intrépida nave espacial que deixava atrás de si um rasto de três linhas brancas no universo azul. As nuvens tempestuosas que a tinham empurrado para sul ao longo de três semanas tinham desaparecido durante a noite. O mar reflectia uma abóbada imaculada de um céu azul e límpido.

O navio explorador com mais de 50 metros de comprimento estava a aproximar-se do centro de uma área de 36 milhões de milhas quadradas de oceano aberto que se estendia do Equador até ao Antártico – um vazio habitualmente utilizado pelos globos e mapas para introduzir as palavras “Oceano Pacífico Sul”.

Fretado exclusivamente para o *reality show* televisivo *SeaLife*, o *Trident* acomodava confortavelmente quarenta passageiros. Agora, uma equipa cenográfica de dez elementos que simulava dirigir o barco, catorze profissionais que realmente o dirigiam, seis cientistas e oito elementos da produção, acompanhados por um cão de raça *bull-terrier* chamado Copéode, constituíam a tripulação.

O *SeaLife* estava a filmar a odisseia de um ano de circum-navegação do *Trident*, que prometia ir ao encontro dos lugares mais exóticos e remotos na Terra. Nos primeiros quatro episódios semanais, o elenco de jovens cientistas caloiros e uma tripulação jovem e moderna tinha

explorado as Ilhas Galápagos e a Ilha de Páscoa, projectando o *SeaLife* para o segundo lugar nas audiências dos canais por cabo. No entanto, após as últimas três semanas no mar, suportando sucessivas tempestades, a popularidade do programa estava a decair.

Nell Duckworth, a botânica da tripulação, olhou para o seu reflexo na janela da ponte de comando do *Trident* e ajustou o boné dos Mets. À semelhança de todos os outros cientistas escolhidos para o programa, Nell tinha quase trinta anos de idade. Acabara de completar vinte e nove, sete dias antes, e celebrara a data debruçada sobre a sanita química do barco com perfume de hortelã. Tinha perdido peso, uma vez que não fora capaz de assimilar alimentos nos últimos dez dias. Os enjoos só tinham diminuído quando a última das fortes tempestades se dissipara na noite anterior, dando lugar a uma límpida paisagem de céu e mar azuis, naquela manhã. Até então, o mau tempo, o protector solar e o seu fiel boné dos Mets tinham protegido a sua pele clara contra qualquer alteração extrema da pigmentação. Porém, ela não procurava eventuais rugas, sinais de perda de peso, ou sardas. Em vez disso, tudo o que viu foi a expressão de desespero reflectida na vidraça.

Nell vestia uns calções pardos de ganga que lhe davam pelos joelhos e uma *t-shirt* cinzenta; e tinha os braços e o rosto untados com protector solar, factor 24. As sapatilhas Adidas já gastas irritavam os produtores, uma vez que a marca não era uma das patrocinadoras do programa, mas ela recusara-se terminantemente a trocá-los.

Pela janela olhava fixamente para o sul, e a opressiva desilusão que tentava afastar do pensamento abatia-se novamente sobre ela. Devido aos atrasos causados pelo mau tempo e aos baixos índices de audiência, estavam a afastar-se da ilha que se estendia logo atrás daquele horizonte – desviando-se do único motivo que, à partida, levava Nell a participar naquele programa.

Nas últimas horas, tinha tentado não lembrar aos homens da ponte de comando que pouquíssimas pessoas tinham estado tão perto desse lugar que estudara durante mais de nove anos.

Em vez de navegarem durante um dia inteiro rumo ao sul, para aí aportarem, estavam a seguir para oeste, em direcção à Ilha de Pitcairn, onde aparentemente os descendentes dos amotinados do *Bounty* tinham estado a preparar-lhes uma recepção.

Nell cerrou os dentes e captou o seu reflexo, que lhe devolvia um olhar carrancudo. Virou-se e olhou pela janela da proa.

Viu o mini-submarino suspenso por uma grua fixada no pontão central do navio. Este tinha escotilhas de observação subaquáticas instaladas nos pontões de bombordo e de estibordo – os pontos preferidos de Nell, onde ocasionalmente tinha avistado espécies de peixes de alto mar como atuns, pescadas e percas seguindo o rasto do navio.

O *Trident* integrava um estúdio de produção televisiva e uma sala de comunicação via satélite de tecnologia avançada; albergava também a sua própria central de dessalinização, que produzia diariamente mais de onze mil litros de água potável, bem como um laboratório oceanográfico com microscópios de alta graduação e um vasto espectro de instrumentos laboratoriais; e até tinha uma sala de cinema. Mas Nell achava que tudo aquilo era demasiado aparatoso. O conceito científico do programa não passava de uma fachada; assim pensava desde o início o seu lado mais cínico.

No convés inferior da popa, avistou o biólogo marinho do navio, Andy Beasley, a tentar dar uma aula acerca da vida marinha à tripulação agastada pelo estado do tempo.

14:11

Andy Beasley era um cientista magro, de ombros estreitos, com uma madeixa loira e óculos com uma armação de osso de tartaruga. Do seu rosto alongado como o de um pássaro emanava frequentemente um sorriso optimista.

Criado pela sua querida mas alcoólica tia Althea em Nova Orleães, o simpático jovem cientista tinha crescido rodeado de aquários, pois morava por cima da marisqueira da tia. Toda a espécie que fosse objecto do seu estudo escapava da panela.

Acabara por realizar o sonho de Althea ao tornar-se um biólogo marinho, enviando-lhe diariamente *e-mails*, desde que fora para a faculdade até ao dia em que aceitou o seu primeiro cargo de investigação.

A tia Althea tinha falecido há três meses. Após sobreviver ao furacão Katrina, sucumbira a um cancro no pâncreas, deixando Andy mais

só do que ele imaginara que fosse possível, quando durante toda a sua vida já se sentira terrivelmente só.

Um mês após o funeral, recebeu uma carta a convidá-lo a participar numa audição para o *SeaLife*. Sem dizer ao sobrinho, Althea enviara o seu *curriculum vitae* e uma fotografia para os produtores do programa, depois de ler um artigo sobre uma selecção de biólogos marinhos. Andy visitara a campa da tia para depositar flores, voara para Nova Iorque e participara na audição. Como se fosse a realização do último desejo da sua tia Althea, conquistara um dos muito disputados lugares a bordo do *Trident*.

Andy costumava usar cores berrantes que lhe davam um ar ligeiramente apalhaçado. Também faziam dele um alvo natural de sarcasmo. Era um optimista por natureza e domesticável como um cachorro, uma combinação que provocava em Nell um impulso maternal que a deixava surpreendida.

Andy inquietava-se com o microfone sem fios preso à fina gravata amarela de cabedal. Usava uma camisa Lacoste às riscas azuis, brancas, cor-de-laranja, amarelas, roxas e verdes, a fazer lembrar as pastilhas elásticas Fruit Stripe. A condizer com a camisa às riscas verticais, usava bermudas Tommy Hillfiger às riscas horizontais azuis, verdes, cor-de-rosa, laranja, vermelhas e amarelas. Para completar, calçava ténis verdes de caneleira, tamanho 44.

Os instrumentos de ensino de Andy, uma série de fantoches que representavam diversas criaturas marinhas, estavam espalhados no piso branco à sua frente. Ao seu lado, estava sentado um ofegante *bull-terrier*, de focinho largo, com o colete salva-vidas em miniatura atado ao seu peito robusto.

Zero Monroe, o operador de câmara principal, trocou o cartão de memória da sua câmara de vídeo digital. A anterior tinha ficado cheia a meio da aula de Andy, algo que já tinha sido planeado, para grande desgosto de Zero, com o intuito de irritar Andy e provocar-lhe um dos seus ataques de fúria.

– Já estamos prontos? – perguntou Andy, embaraçado, mas ainda tentando sorrir.

Zero levou a câmara ao olho direito e abriu o outro olho na direcção de Andy.

– Já – respondeu.

O esguio operador de câmara era parco em palavras, sobretudo quando estava descontente.

O seu corpo magro, os grandes olhos azuis e o semblante inexpressivo conferiam a Zero um ar vagamente à Buster Keaton, embora tivesse um metro e noventa de altura e ombros largos. Usava uma *t-shirt* cinzenta da Maratona de Boston, que tinha recebido por três vezes, sapatilhas de corrida azuis New Balance RXTerrain já gastas, com atacadores cor-de-laranja e piso de gel. As calças Orvis castanhas claras tinham catorze bolsos cheios de lembretes autocolantes, lentes, filtros de lentes, acessórios de limpeza, filtros de microfone e um carregamento de pilhas.

Zero tinha levado a vida e conquistado a sua reputação a fotografar a vida selvagem. Dominara o seu ofício em alguns dos ambientes mais inóspitos do mundo, desempenhando missões em locais tão singulares como os pantanais infestados do Panamá (a filmar caranguejos violinistas) ou os corrosivos lagos alcalinos do Vale do Rift, na África Oriental (a filmar flamingos). Após as três últimas semanas, Zero já se interrogava sobre qual seria a pior missão – esta, ou estar atascado em lama que se entranhava nas botas de caminhar, enquanto o sangue era drenado por enxames de moscas negras.

– Vamos, Gus – resmungou Zero.

Um técnico de filmagens fez estalar uma *claquete* de plástico diante do rosto de Andy, assustando-o.

– *SeaLife*: dia cinquenta e dois, câmara três, cartão dois!

– E... ACÇÃO! – gritou Jesse Jones.

Jesse era o inevitável membro repulsivo da “tripulação” encenada. A verdadeira tripulação usava uniforme e tentava o mais possível manter-se fora de cena. Universalmente odiado tanto pelos próprios parceiros de viagem como pelos telespectadores nas suas casas, Jesse Jones deliciava-se a desempenhar o papel de protagonista. Os *reality shows* necessitavam de pelo menos um membro do elenco que toda a gente repudiasse com plena satisfação, alguém que causasse crises e conflitos, alguém a quem os marinheiros de antigamente apelidariam de “Jonah” e lançassem borda fora à primeira oportunidade.

Bronzeado e musculado, com braços cheios de tatuagens, Jesse tinha o cabelo curto, espetado e descolorado. Ninguém se aproveitara

tanto como ele da legião de patrocinadores do programa. Estava vestido com calções de mergulho pretos Bodyform de cintura alta e a cobrir as coxas, com um bolso azul cozido e, por cima, uma camisa de alças que realçava os músculos, estampada com palmeiras e flores. Calçava um par de sapatilhas Nike prateadas. Usava um par de óculos de sol Matsuda de quinhentos dólares, com armação de prata e lentes azul-turquesa.

– Onde estávamos nós, Zero? – perguntou Andy, com um sorriso rasgado.

– Copépodes – respondeu Zero.

– Ah, sim – disse Andy. – É verdade... Jesse?

Jesse lançou um fantoche na direcção de Andy, que se agachou demasiado tarde. O boneco acertou-lhe em cheio na cara.

Todos se riram enquanto Andy voltava a pôr os seus óculos com aros de tartaruga de imitação e dirigiu um sorriso de esguelha para a câmara. Enfiou a mão no fantoche e, com os dedos, manipulou o seu único olho e as duas antenas.

– Aqui o Copépode recebeu o nome de uma criatura marinha microscópica.

O cão com focinho de banana soltou um latido e voltou, ofegante, para junto das pernas de Andy.

– Coitado do Copey! – murmurou Dawn Kipke, a sereia *punk* surfista da tripulação. – O que levaria alguém a dar àquela coisa um nome tão assustador?

– Pois é, não é fixe, minha – gritou Jesse.

Andy baixou o boneco e franziu o sobrolho para Zero, que filmava a sua cara de perto.

O rosto de Andy corou e os seus olhos incharam, ao mesmo tempo que atirava o boneco ao chão.

– Como posso alguma vez *ensinar* alguma coisa a alguém se ninguém ME OUVI? – exclamou, irritado.

Saiu disparado do convés e desceu até à coberta.

A equipa virou-se para Zero.

– Não sou eu quem manda – disse Zero, recuando enquanto disparava. – Perguntem aos gajos lá de cima!

Apontou a câmara para a ponte, donde Nell continuava a observá-los. Espetou dois dedos sobre a cabeça, como duas antenas, e deitou-lhes a língua de fora.

14:14

– Parece que temos um motim, meu Capitão. Acho que teremos de aportar à primeira oportunidade.

O capitão Sol olhou de soslaio para Nell, por cima do ombro. A sua barba branca bem aparada emoldurava-lhe o rosto bronzeado e os olhos azuis-claros.

– Boa tentativa, Nell.

– Estou a falar a sério!

Glyn Fields, o biólogo do programa, aproximou-se de Nell para olhar pela janela.

– Ela tem razão, meu Capitão. Continuo a achar sinceramente que a tripulação está a preparar-se para tomar a Bastilha.

Nell conhecera Glyn durante o segundo ano como professora assistente de botânica dos caloiros da Universidade de Nova Iorque. Glyn ensinava biologia também aos alunos do primeiro ano, e o seu ar esbelto causara algum alvoroço na faculdade, quando ele chegou. Foi ele quem persuadiu Nell a candidatar-se ao *SeaLife*.

Alto, pálido, magro e tipicamente britânico, Glyn tinha traços fortes e belos, olhos quase negros e cabelo escuro e espesso que herdara do lado galês da mãe. O biólogo era demasiado convencido para o gosto de Nell, mas é possível que ela assim o achasse apenas porque ele parecia nunca reparar nela (pelo menos, *do modo* que Nell gostaria). Vestia-se ao estilo típico de um universitário inglês: camisas de Oxford, calças de bombazina, sapatos de couro simples e até *blazers* azuis, ocasionalmente. Agora usava uma camisa azul de Oxford, calças de balão pardas e sapatos de vela sem meias – era o mais casual que era capaz de vestir, mesmo nos trópicos. Nell desconfiava que o inglês nunca seria visto de calções, uma *t-shirt* ou – Deus o livrasse – calçando ténis.

Lembrava-se como, um ano antes, tinha protestado com Glyn, alegando que o *SeaLife* iria provocar um atraso de um ano nos seus estudos. Quando Glyn referiu que a expedição poderia passar pelo obscuro

ilhéu de que estava sempre a falar, Nell soube imediatamente que poderia ser uma oportunidade única. Para sua própria surpresa, depois de fazer os testes para o programa, foi escolhida, juntamente com Glyn.

Agora, ao ver as esperanças de Nell esmorecerem, Glyn sentia-se ligeiramente culpado.

– Talvez uma paragem rápida elevasse o moral das hostes, meu Capitão.

O segundo-imediato Samir El-Ashwah entrou pela escotilha de estibordo, fardado com um uniforme branco da cabeça aos pés, ao estilo da série *O Barco do Amor*, que era imposto aos funcionários do *Trident*. Magro, de origem egípcia, Samir tinha um sotaque australiano que causava alguma surpresa inicial.

– Caramba! As turbinas eólicas estão no máximo, não estão, meu Capitão? Só por curiosidade, a que velocidade vamos?

– Catorze nós, Sam – respondeu o capitão Sol.

– Vai a bom gás, imagino!

– Pode dizê-lo – ripostou o capitão Sol, rindo e coçando o banco de coral de cabelos brancos que coroava a sua cabeça calva.

Nell ergueu o olhar para a luz do céu, avistando uma das duas turbinas eólicas com cerca de 30 metros que despontavam sobre a ponte de comando como a chaminé de um cruzeiro, instaladas no navio de investigação. A enorme haste cilíndrica atravessava o centro da ponte de comando, alojada no interior de uma larga coluna coberta de avisos e fotografias. Nell ouviu os motores rugindo no interior da coluna enquanto a vela girava mais acima.

As turbinas eólicas foram criadas por Jacques Cousteau, na década de 1980, para navios de exploração científica, entre os quais o seu próprio *Calypso II*. Ideal para embarcações de investigação de longo curso, a vela tubular utilizava pequenos ventiladores que sugavam o ar para o interior de uma fenda vertical, enquanto o vento que passava à sua volta gerava, a sotavento, uma velocidade de superfície muito maior do que qualquer vela tradicional. Agora que o temporal tinha passado, a tripulação hasteou ambas as turbinas eólicas do *Trident* e girou as hastes para captarem a tempestade de nordeste.

O navio rumava a oeste a uma boa velocidade, dez graus a sul do Trópico de Capricórnio.